

Disparidade de renda entre ricos e pobres no Brasil cresce há 15 trimestres

Ciclo mais longo de piora nos indicadores dá sinais de estar perto do fim, mas o caminho para percorrer de volta será longo

Por Bruno Villas Bôas, Valor — Rio

14/10/2019 19h18 · Atualizado há 17 horas



Depois de uma década e meia de melhora dos indicadores sociais, a recessão produziu um dos ciclos mais longos de piora da disparidade de renda entre ricos e pobres da história brasileira. Esse ciclo finalmente vem dando sinais de que pode estar perto do fim, mas será um longo caminho a percorrer de volta.

De acordo levantamento dos pesquisadores da Fundação Getulio Vargas (FGV) Daniel Duque e Bernardo Esteves, o índice de Gini da renda do trabalho exhibe piora, pela base de comparação interanual, desde o quarto trimestre de 2015. São 15 trimestre consecutivos de aumento na disparidade de renda de ricos e pobres.

O movimento mais recente foi captado no segundo trimestre deste ano, quando o índice de desigualdade estava em 0,629, resultado um pouco pior do que o registrado no segundo trimestre do ano passado (0,628) — o indicador varia dentro de uma escala de zero a um, sendo zero a igualdade perfeita na distribuição de renda.

Os cálculos foram feitos a partir dos microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) Trimestral, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Desta forma, o levantamento acompanha a série histórica da pesquisa, iniciada no primeiro trimestre de 2012.

Nos primeiros anos da crise, entre 2015 e 2016, o crescimento da desigualdade era explicado pela perda de emprego da parcela mais pobre da população. Setores como construção e comércio demitiram em peso. A parcela mais rica também foi afetada, mas com maior escolaridade conseguiu se reinserir no mercado, mesmo que com menor ganho.

Segundo Daniel Duque, o movimento mais recente de alta da desigualdade é explicado pelo emprego informal e precário obtido pela parte pobre da população.

“A queda da renda do trabalho no domicílio per capita ocorre agora porque, apesar da melhora no desemprego, os ganhos ainda não são proporcionalmente maiores entre os mais pobres”, afirma Duque.

Duque acredita que o ciclo de piora da desigualdade está cada vez mais perto do fim. Reverter as perdas dos últimos anos, contudo, será uma tarefa árdua. O governo segue sem uma política social clara para redução de pobreza e desigualdade. O décimo terceiro salário do Bolsa Família, promessa de campanha, não estaria no orçamento de 2020.

"Há tentativas de impulsionar o emprego. A meu ver, a visão ideológica do governo vai nesse sentido, de combater a pobreza e a desigualdade via emprego", diz Duque.

Apesar de não existirem séries históricas perfeitamente comparáveis, dados disponíveis de outras pesquisas permitem entender o que aconteceu com a desigualdade no país nas últimas décadas. Nos anos 60 e 70, o milagre econômico produziu grande crescimento econômica e forte aumento da concentração de renda.

No período seguinte, que vai de meados da década de 70 até o início dos anos 2000, o país viveu um período sem tendência clara sobre o comportamento da desigualdade. Os indicadores eram instáveis, assim como a renda. Desde então até 2014, o país combinou crescimento com distribuição de renda, o que acabou interrompido pela crise.

Outro estudo realizado pela FGV Social mostra que a pobreza também cresceu a passos largos partir de 2015, quando a crise abateu o emprego e a renda do trabalho. Daquele ano até 2017, a recessão econômica gerou 6,27 milhões de novos pobres no país. Desta forma, 23,3 milhões de pessoas vivem abaixo da linha da pobreza no fim de 2017.